

GEORGES SIMENON

O cachorro amarelo

Tradução

Eduardo Brandão



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1931 by Georges Simenon Limited
GEORGES SIMENON ® Simenon.tm
MAIGRET ® Georges Simenon Limited
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
Le Chien jaune

Projeto gráfico
Bruno Romão e Alceu Chiesorin Nunes

Capa
Alceu Chiesorin Nunes

Preparação
Flavia Lago

Revisão
Jane Pessoa
Luciana Baraldi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Simenon, Georges, 1903-1989.

O cachorro amarelo / Georges Simenon ; tradução
Eduardo Brandão — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das
Letras, 2014.

Título original: Le Chien jaune.
ISBN 978-85-359-2451-0

1. Ficção policial e de mistério (Literatura francesa) 2.
Romance francês I. Título.

14-04089

CDD-843.0872

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério : Literatura francesa 843.0872

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

1. O cão sem dono 7
2. O doutor de chinelo 19
3. O medo reina em Concarneau 31
4. Posto de Comando do Exército 44
5. O homem do Cabélou 56
6. Um covarde 68
7. O casal da vela 78
8. Mais um! 91
9. A caixa das conchas 103
10. A bela Emma 115
11. O medo 126

1. O cão sem dono

Sexta-feira, 7 de novembro. Concarneau está deserta. O relógio luminoso da cidade velha, que se avista acima das muralhas, marca cinco para as onze. A maré está cheia e uma tempestade de sudoeste faz as embarcações no porto se entrechocarem. O vento se engolfa nas ruas, onde às vezes se veem pedaços de papel voar disparados rente ao chão.

Cais de Aiguillon, não há uma só luz. Tudo está fechado. Todo mundo dorme. Somente as três janelas do Hôtel de l'Amiral, na esquina da praça com o cais, ainda estão iluminadas.

Elas não estão com os contraventos postos, mesmo assim as silhuetas mal se deixam adivinhar através de suas vidraças esverdeadas. O guarda alfandegário de prontidão, encolhido na sua guarita a menos de cem metros, inveja as pessoas atardadas no café.

Em frente a ele, na bacia do porto, um navio de pequeno curso, que de tarde veio se pôr ao abrigo. Ninguém no convés. As polias rangem e uma vela mal amarrada estala ao vento. Ouve-se o barulho contínuo da ressaca e um clique do relógio que vai soar as onze.

A porta do Hôtel de l'Amiral se abre. Aparece um homem, que continua a falar um instante por seu vão com as pessoas que ficaram dentro. A tempestade o abocanha, agita as abas do seu capote, levanta seu chapéu-coco, que ele agarra a tempo e segura na cabeça enquanto avança.

Mesmo de longe, sente-se que está um pouco alegre, mal parando em cima das pernas, e que tiritia de frio. O guarda alfandegário o segue com os olhos, sorri quando o homem cisma de acender um charuto. Porque começa uma luta cômica entre o bêbado, o capote que o vento quer lhe tomar e o chapéu que foge ao longo da calçada.

Dez fósforos se apagam.

E o homem de chapéu-coco avista uma entrada de dois degraus, abriga-se nela, inclina-se. Um clarão tremula, brevíssimo. O fumante vacila, se agarra à maçaneta da porta.

O guarda alfandegário não terá percebido um ruído estranho à tempestade? Não tem certeza. Primeiro ri, vendo o noctâmbulo perder o equilíbrio, dar vários passos para trás, tão inclinado que sua pose é inacreditável.

Desaba no chão, na beira da calçada, a cabeça na lama da sarjeta. O guarda bate as mãos nos flancos para aquecê-las, observa com mau humor a vela cujos estalidos o irritam.

Um minuto, dois minutos se passam. Nova olhada para o bêbado, que não se mexeu. Mas um cachorro, vindo sabe-se lá de onde, está ali, farejando-o.

— Foi só nesse momento que tive a sensação de ter acontecido alguma coisa — dirá o guarda, durante a investigação.

As idas e vindas que sucederam essa cena são mais difíceis de estabelecer numa ordem cronológica rigorosa. O guarda alfandegário se dirige até o homem caído, um tanto apreensivo com a presença do cachorro, um bichão amarelo com cara de

poucos amigos. Há um lampião a gás a oito metros dali. Primeiro o agente não vê nada de anormal. Depois percebe um buraco no sobretudo do beberrão, e desse buraco escorre um líquido espesso.

Corre então para o Hôtel de l'Amiral. O café está quase vazio. Acotovelada na caixa, uma garçonete. A uma mesa de mármore dois homens terminam seus charutos, recostados na cadeira, pernas esticadas.

— Depressa! Um crime... não sei...

O guarda se volta. O cachorro amarelo entrou atrás dele e se deitou aos pés da garçonete.

Há uma hesitação, um vago pavor no ar.

— O amigo de vocês, que acaba de sair...

Instantes depois, são três a se debruçar sobre o corpo, que não mudou de lugar. A prefeitura, onde fica o posto policial, fica a dois passos. O guarda alfandegário prefere tomar providências. Precipita-se para lá, ofegante, depois se pendura na campainha de um médico.

E repete, sem conseguir se livrar daquela visão:

— Ele vacilou para trás, como um bêbado, e deu pelo menos uns três passos assim...

Cinco pessoas... seis... sete... E as janelas que se abrem aqui e ali, cochichos.

O médico, ajoelhado na lama, declara:

— Uma bala disparada à queima-roupa, no meio da barriga. Tem de ser operado com urgência. Telefonem ao hospital!

Todo mundo reconheceu o ferido. O sr. Mostaguen, principal negociante de vinhos de Concarneau, um bom gorducho que só tem amigos.

Os dois policiais fardados — um não achou o quepe — não sabem por onde começar a investigação.

Alguém fala, o sr. Le Pommeret, que por sua aparência e sua voz logo se vê que é uma pessoa importante.

— Jogamos cartas juntos, no Café de l'Amiral, com Servières e o dr. Michoux. O doutor saiu antes, faz uma meia hora. Mostaguen, que tem medo da mulher, nos deixou quando deu onze horas.

Incidente tragicômico. Todos escutam o sr. Le Pommeret. Esquecem o ferido. E não é que ele abre os olhos, tenta se levantar, murmura com uma voz espantada, tão suave, tão delicada, que a garçonete solta uma risada nervosa:

— O que foi?

Mas um espasmo o sacode. Seus lábios se agitam. Os músculos do rosto se contraem enquanto o médico prepara a seringa para dar uma injeção.

O cachorro amarelo circula por entre as pernas. Alguém se espanta.

— Vocês conhecem este cachorro?

— Nunca vi...

— Na certa é de algum barco.

Na atmosfera de drama, o cachorro tem algo de inquietante. Quem sabe por sua cor, de um amarelo sujo. Tem patas compridas, é magérrimo, e sua enorme cabeça lembra ao mesmo tempo o mastim e o dogue alemão.

A cinco metros do grupo, os policiais interrogam o guarda alfandegário, única testemunha do acontecimento.

Examinam a entrada de dois degraus. É a entrada de uma grande casa burguesa, cujas janelas estão fechadas. À direita da porta, o aviso de um tabelião anuncia o leilão do imóvel no dia 18 de novembro: *Avaliação: Oitenta mil francos.*

Um guarda-civil tenteia em vão por um bom tempo forçar a fechadura, e é o dono da oficina vizinha que a arromba com uma chave de fenda.

A ambulância chega. Içam o sr. Mostaguen a uma maca. Os curiosos não têm mais o que fazer, senão contemplar a casa vazia.

Está desabitada faz um ano. No corredor reina um pesado cheiro de pólvora e de tabaco. Uma lanterna ilumina, nas lajotas do chão, cinzas de cigarro e vestígios de lama que provam que alguém ficou bastante tempo espreitando atrás da porta.

Um homem, vestindo apenas um sobretudo por cima do pijama, diz à sua mulher:

— Vamos! Não há mais nada a ver. Ficaremos sabendo do resto amanhã, pelo jornal. O sr. Servières está aí.

Servières é um personagem pequeno, gordinho, de paletó bege-claro, que estava com o sr. Le Pommeret no Hôtel de l'Amiral. É redator do *Le Phare de Brest*, onde entre outras coisas publica aos domingos uma crônica humorística.

Toma notas, dá indicações, quando não ordens, aos dois policiais.

As portas que se abrem para o corredor estão trancadas à chave. A dos fundos, que dá acesso a um jardim, está aberta. O jardim é cercado por um muro que não tem um metro e meio de altura. Do outro lado do muro, fica uma ruela que dá no cais de Aiguillon.

— O assassino saiu por ali! — anuncia Jean Servières.

Foi no dia seguinte que Maigret fez como pôde esse resumo dos acontecimentos. Fora destacado havia um mês para a Brigada Móvel de Rennes, onde certos serviços precisavam ser reorganizados. Havia recebido um telefonema alarmado do prefeito de Concarneau.

Chegara a essa cidade em companhia de Leroy, um inspetor com quem nunca trabalhara.

A tempestade não havia cessado. As borrascas rebentavam sobre a cidade grossas nuvens que desabavam em chuva glacial. Nenhuma embarcação saía do porto, e falavam de um vapor em dificuldade ao largo das ilhas Glénan.

Maigret se instalou, naturalmente, no Hôtel de l'Amiral, que é o melhor da cidade. Eram cinco da tarde, e a noite acabava de cair quando entrou no café, uma sala comprida, um bocado soturna, de assoalho acinzentado coberto de serragem, mesas de mármore, que as vidraças verdes das janelas entristecem ainda mais.

Várias mesas estavam ocupadas. Mas ao primeiro olhar se reconhecia a dos habitués, os clientes sérios, cuja conversa os outros procuravam ouvir.

Alguém se levantou, aliás, dessa mesa, um homem de rosto abonecado, olhos redondos, lábios sorridentes.

– Comissário Maigret? Meu amigo prefeito me avisou da sua chegada. Ouvi falar bastante do senhor. Permita-me que me apresente. Jean Servières. Hum! O senhor é de Paris, não é? Eu também! Fui por muitos anos diretor do *La Vache Rousse*, em Montmartre. Colaborei para o *Le Petit Parisien*, o *Excelsior*, *La Dépêche*... Conheci intimamente um dos seus chefes, o querido Bertrand, que se aposentou ano passado e foi ficar de papo para o ar em Nièvre. E eu fiz como ele! Por assim dizer, me retirei da vida pública. Colaboro, para me distrair, no *Le Phare de Brest*.

Saltitava, gesticulava.

– Venha, vou lhe apresentar nossa mesa. Os últimos bons-vivants de Concarneau. Este é Le Pommeret, ganhão impenitente, rentista profissional e vice-cônsul da Dinamarca.

O homem que se levantou e estendeu a mão vestia-se como um fidalgo da roça: calça de montar axadrezada, pernas justas, sem um pinga de lama, gravata plastron de piquê branco. Tinha belos bigodes prateados, cabelos bem alisados, uma tez clara e bochechas ornadas pela acne.

– É um prazer, comissário.

E Jean Servières continuava:

– O dr. Michoux, filho do ex-deputado. Aliás, de médico só tem o diploma, pois nunca exerceu. Vai ver que acabará lhe

vendendo um lote. É dono do mais bonito loteamento de Concarneau, talvez até da Bretanha.

Uma mão fria. Um rosto anguloso, nariz enviesado. Cabelos ruivos já raros, embora o doutor não tivesse trinta e cinco anos.

— Toma alguma coisa?

Enquanto isso, o inspetor Leroy tinha ido fazer contatos na prefeitura e na gendarmaria.

Havia na atmosfera do café algo cinzento, de sombrio, sem que se pudesse especificar o quê. Por uma porta aberta, podia-se ver a sala de refeições, onde moças de traje bretão punham as mesas para o jantar.

O olhar de Maigret pousou num cachorro amarelo, deitado ao pé da caixa. Ergueu os olhos, percebeu uma saia preta, um avental branco, um rosto sem graça e, no entanto, tão cativante que, durante a conversa que se seguiu, não parou de observá-lo.

Toda vez que virava a cabeça, aliás, era a garçonete que cravava nele seu olhar febril.

— O coitado do Mostaguen, que é a melhor pessoa da terra, à parte o fato de morrer de medo da mulher, quase foi desta para a melhor. Seria capaz de apostar que se trata de uma piada de mau gosto.

Era Jean Servières que falava. Le Pommeret chamou familiarmente:

— Emma!

E a garçonete se aproximou.

— Sim? O que deseja tomar?

Havia dois copos pela metade na mesa.

— É hora do aperitivo! — observou o jornalista. — Em outras palavras, é hora do Pernod. Traga uns Pernods, Emma. Não é, comissário?

O dr. Michoux fitava sua abotoadura com um ar absorto.

— Quem podia prever que Mostaguen pararia na entrada daquela casa para acender o charuto? — prosseguia a voz sonora

de Servières. — Ninguém, não é mesmo? Ora, Le Pommeret e eu moramos do outro lado da cidade! Nunca passamos pela casa vazia. Naquela hora só havia nós três andando pelas ruas. Mostaguen não é pessoa que tenha inimigos. É o que chamamos de um bom sujeito. Um homem cuja única ambição é ganhar um dia a medalha da Legião de Honra.

— A cirurgia foi bem-sucedida?

— Ele vai se recuperar. O mais engraçado é que sua mulher fez a maior cena no hospital, porque está persuadida de que se trata de uma história de amor! Já imaginaram? O coitado não ousaria nem sequer acariciar sua datilógrafa, por medo das complicações!

— Dose dupla! — disse Le Pommeret à garçonete que servia a imitação de absinto. — Traga gelo, Emma.

Alguns clientes saíram, porque estava na hora do jantar. Uma ventania penetrou pela porta aberta, fez as toalhas da sala de refeições tremularem.

— Leiam o artigo que escrevi sobre o caso e em que creio ter estudado todas as hipóteses. Somente uma é plausível: é que estamos em presença de um louco. Por exemplo, nós, que conhecemos a cidade inteira, não conseguimos ver quem possa ter perdido a razão. Estamos aqui todas as noites. Às vezes o prefeito vem se juntar a nós. Ou Mostaguen. Ou então vamos buscar, para um bridge, o relojoeiro, que mora a umas poucas casas daqui.

— E o cachorro?

O jornalista esboçou um gesto de ignorância.

— Ninguém sabe de onde saiu. Por um instante acreditamos ser do barco que chegou ontem. O *Sainte-Marie*. Parece que não. Ele tem um cachorro a bordo, mas é um terra-nova, e desafio qualquer um a dizer de que raça é esse bicho horroroso!

Enquanto falava, pegou uma garrafa d'água, verteu um pouco no copo de Maigret.

— Faz tempo que a garçonete está aqui? — perguntou o comissário a meia-voz.

— Anos...

— Ela não saiu, ontem à noite?

— Não se mexeu. Esperava que fôssemos embora para ir dormir. Le Pommeret e eu evocávamos velhas lembranças, lembranças dos bons tempos, quando éramos bastante bonitos para conseguir mulheres sem precisar pagar. Não é, Le Pommeret? Ele não diz nada! Quando o senhor o conhecer melhor vai ver que, quando se trata de mulheres, ele é capaz de passar a noite toda... Sabe como chamamos a casa em que ele mora, de frente ao mercado de peixes? A casa das torpezas. Hum!

— À sua saúde, comissário — brindou, não sem um certo incômodo, àquele de quem falavam.

Maigret notou no mesmo instante que o dr. Michoux, que tinha dificuldade de abrir a boca, se inclinava para olhar seu copo em transparência. Sua testa estava franzida. Seu rosto, naturalmente descorado, tinha um semblante de visível aflição.

— Um instante! — soltou de repente, depois de muito hesitar.

Aproximou o copo das narinas, mergulhou nele um dedo em que tocou com a ponta da língua. Servièrès deu uma gargalhada.

— Essa é boa! Ele está se deixando aterrorizar com a história do Mostaguen.

— E? — perguntou Maigret.

— Acho que é melhor não beber. Emma! Vá dizer ao farmacêutico do lado para vir já para cá. Mesmo se estiver jantando.

Aquilo esfriou o ambiente. A sala pareceu mais vazia, ainda mais soturna. Le Pommeret puxou os bigodes nervosamente. O próprio jornalista se remexeu na cadeira.

— Em que está pensando?

O doutor estava sombrio. Continuava olhando fixo para seu copo. Levantou e pegou ele mesmo na prateleira a garrafa de

Pernod, manejou-a contra a luz, e Maigret distinguiu dois ou três grãosinhos brancos boiando no líquido.

A garçonete voltou, seguida pelo farmacêutico, que estava de boca cheia.

— Kerdivon, você tem de analisar imediatamente o conteúdo desta garrafa e dos copos.

— Hoje?

— Agora mesmo!

— Que reação devo experimentar? Em que está pensando?

Maigret nunca vira a sombra pálida do medo despontar tão rápido. Alguns instantes haviam bastado. Todo calor havia desaparecido dos olhares, e a acne parecia artificial nas bochechas de Le Pommeret.

A garçonete tinha se acotovelado na caixa e molhava o grafite de um lápis para alinhar alguns números num caderno com capa de tecido encerado preto.

— Você está louco! — tentou proferir Servières.

Soou falso. O farmacêutico estava com a garrafa numa mão, um copo na outra.

— Estricnina — soprou o doutor.

Empurrou o outro porta afora, voltou, cabisbaixo, a tez amarelada.

— O que o faz pensar? — começou Maigret.

— Não sei. Um acaso. Vi um grão de pó branco no meu copo. O cheiro me pareceu esquisito.

— Autossugestão coletiva — afirmou o jornalista. — Se contar isso amanhã no meu jornal, é a ruína de todos os botecos da região do Finistère.

— Os senhores sempre bebem Pernod?

— Todas as noites, antes do jantar. Emma está tão acostumada que traz a garrafa assim que constata que nosso copo está vazio. Temos nossos costumes. Mais tarde, é a vez do Calvados.

Maigret foi até a prateleira das bebidas, avistou uma garrafa de Calvados.

— Deste não! A garrafa barriguda.

Pegou-o, manejou-o contra a luz, percebeu alguns grãos de pó branco. Mas não disse nada. Não precisava. Os outros tinham entendido.

O inspetor Leroy entrou, anunciou com uma voz indiferente:

— A gendarmaria não notou nada de suspeito. Nenhum vagabundo rondando por aí. Não entendem.

Espantou-se com o silêncio que reinava, com a angústia compacta que estrangulava a garganta. A fumaça de tabaco se estendia em torno das lâmpadas elétricas. A mesa de bilhar mostrava seu pano esverdeado, parecendo grama cortada. Havia tocos de cigarro no chão, assim como algumas cusparadas na serragem.

— Sete, e vai um... — soletrava Emma, molhando a ponta do lápis.

E, erguendo a cabeça, gritou para dentro:

— Já vou, senhora!

Maigret enchia o cachimbo. O dr. Michoux fixava obstinadamente o chão e seu nariz parecia mais enviesado que antes. O calçado de Le Pommeret brilhava como se nunca tivessem servido para andar. Jean Servières de vez em quando erguia os ombros, discutindo consigo mesmo.

Todos os olhares se voltaram para o farmacêutico, quando voltou com a garrafa e um copo vazio.

Havia corrido. Estava ofegante. À porta, deu um pontapé no vazio para escorraçar alguma coisa, grunhiu:

— Cachorro nojento!

E, mal entrou no café:

— É uma brincadeira, não? Ninguém bebeu?

— E então?

— Estricnina, sim! Devem ter posto na garrafa há no máximo meia hora.

Olhou aterrorizado para os copos ainda cheios, para os cinco homens silenciosos.

— Que significa isso? É incrível! Tenho o direito de saber! Esta noite, tentam matar um homem ao lado de casa. E hoje...

Maigret pegou a garrafa em suas mãos. Emma voltava, indiferente, mostrava acima da caixa seu rosto comprido de olhos cavos, lábios finos, seus cabelos mal penteados em que a touca bretã caía sempre para a esquerda, embora ela a pusesse no lugar a cada instante.

Le Pommeret ia e vinha a passos largos contemplando os reflexos de seus calçados. Jean Servières, imóvel, olhava fixamente para os copos e de repente estrondeou com uma voz que um soluço de pavor abafava:

— Com mil trovões!

O doutor encolhia os ombros.